









# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 105

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães. Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

  

PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

## SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	FILINTO D'ALMEIDA.
Historia dos sete dias.....	L. DE MENDONÇA.
A tempestade, poesia.....	V. MAGALHÃES.
Paginãs esquecidas: R. Correa, soneto.....	R. CORREA.
Idem: A V. Magalhães, soneto.....	JULIA LOPES.
As violetas.....	J. D. DA ROCHA.
Por uma estrada, soneto.....	S.
Jornaes e revistas.....	SILVA RAMOS.
Nessun maggior dolore, soneto.....	F.
Notas bibliographicas.....	PASSEPARTOUT.
Aqui, ali, a colá.....	A. DE SOUZA.
No Sahara, soneto.....	GALI-LÉN.
Musica e musicos.....	E. MONTEIRO.
Cartas de Lisboa.....	A.
Gazetilha litteraria.....	G. MONTEIRO.
Impressão, poesia.....	BIBIANO.
Cnife das graças.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	P. TALMA.
Theatros.....	A. MENEOS.
A escolha da morte, poesia.....	FREI ANTONIO.
Tratós á Bola.....	ENRICO.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	
Secção de honra.....	
Correio da Gerencia.....	
Recemos.....	
Annuncios.....	

## A SEMANA

Rio, 1º de Janeiro de 1887.

Este numero é o primeiro do nosso terceiro anno.

Tendo pela primeira vez vindo a publico no dia 3 de Janeiro de 1885, tem *A Semana* sido publicada até hoje invariavel, britannicamente, todos os sabbados... Perdão: todos os sabbados não. Ella tem sido publicada uma ou outra vez, por conveniencias de oportunidade ou por outras,—á sexta-feira. Depois do sabbado é que nunca.

Quo o favor publico tem amparado e fortalecido a nosso folha prova-o facto da sua duração e, principalmente, o dos melhoramentos que *A Semana* hoje apresenta, ao iniciar o seu terceiro anno de vida.

Como deve ter notado o leitor, *A Semana* cresceu, e não cresceu pouco.

E' que já não podia com o seu primitivo formato satisfazer á abundancia e urgencia da collaboração, deixando por isso de publicar muitas vezes algumas de suas mais estimadas secções.

Com o actual formato fica *A Semana* habilitada a inserir-las todas e maior numero de trabalhos dos seus colaboradores, bem como a tractar mais demorada e desenvolvidamente dos acontecimentos dos sete dias decorridos de um numero a outro.

Em meio da pequenina guerra de ronias e apodos que actualmente divide e enfraquece a nossa imorensa, continuará *A Semana* a conservar-se neutra, tractando namavelmente os collegas amaveis e deixando sem a honra de uma resposta os que gratuitamente a aggredirem ou desconsiderarem.

O publico pôde esperar de nós, como até aqui, inteira isenção de animo e completa imparcialidade na maneira de apreciar os homens e os factos publicos, como as obras artisticas, scientificas ou litterarias.

*A Semana*, vivendo unicamente do apoio da grande entidade anonyma que se chama—o publico, não tem dependencias ou compromissos que a forcem a faltar á verdade ou a torcer a justiça. Os não pequenos sacrificios que tem feito para conquistar de mais em mais o favor da opinião, espera que lhe serão reconhecidos e compensados. «Trabalho e perseverança» é a nossa divisa. Com ella temos vencido, com ella continuaremos a vencer a indifferença publica.

Aos collegas e aos cavalheiros de que tem esta folha recebido finezas e serviços—o reconhecimento do director e dos redactores d'*A Semana*.

Continuaremos a publicar desenhos e gravuras sobre os homens e os factos do dia, sempre que nos seja possível, e a procurar corresponder do melhor modo á estima e á protecção do publico.

Os jornaes e revistas francezas de que tomámos assignatura habilitamos a trazer os nossos leitores sempre a par das novidades artisticas e litterarias da Europa e dos factos que mais occuparem a attenção de Paris, dando assim maior interesse ás nossas secções *Gazetilha Litteraria* e *Aqui, ali, acolá*.

Em todos os numeros publicaremos um conto original de auctor brasileiro ou portuguez. Para isso contamos com as pennas das Exmas. Sras. D. D. Julia Lopes e Adelina Vieira e dos Srs. Aluizio Azevedo, Alcindo Guanabara, Manoel Carneiro, Raul Pompeia e dos escriptores portuguezes Guilherme Gama, Mouteiro Ramalho e Garcia Monteiro. Neste numero encontrarão os leitores um delicioso conto de D. Julia Lopes — *As violetas*, e no proximo nu-

mero terão o prazer de ler um de Aluizio Azevedo. Além d'esses contos originaes, daremos alguns tradnzidos dos mais celebres *conteurs* francezes.

De todos as obras de alguma importancia que nos forem remetidas daremos conta em as *Notas bibliographicas* e das mais notaveis tractaremos em artigo especial.

No proximo numero publicaremos n primeira das *Cartas do Olympo* por *Phébo-Apollo*, pseudonymo de um dos nossos mais illustres poetas modernos. Essa carta está destinada a um grande successo.

De Alfredo Pnheta daremos um artigo em que ease nosso collaborador defende as idéas que expendeu ácerca da exposição de quadros de H. Bernardelli.

Proximamente serão distribuidos aos Srs. assignantes do anno findo os indices e frontespicio d'*A Semana*, como fizemos com o anno de 1885.

Para o n.º 53 d'*A Semana*, primeiro do nosso segundo anno, escrevemos o artigo abaixo transcripto, que produziu resultados superiores á nossa expectativa. Quasi todos os nossos assignantes satisfizeram o nosso pedido.

Por isso, e esperando o mesmo feliz resultado, o transcrevemos hoje, 1º numero do terceiro anno d'*A Semana*.

Eis o artigo:

AOS SRS. ASSIGNANTES

«Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um prospecto d'*A Semana* com todas as explicações, condições de assignatura, vantagens que têm os assignantes, relação dos premios que offerecemos, etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amaveis assignantes quizarem propor aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d'*A Semana*, nós lhes protestaremos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo fór de um semestre, e por doze mezes se fór de um anno.

Note-se que *A Semana* é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que n preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os Srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Quando nada houvesse da registavel nesta semana, havia dois factos sufficientes para occupar todo o espaço de que me é dado dispor. Esses dois factos são—a entrada d'*A Semana* no terceiro anno da sua existencia e a entrada do novo anno. Temoa pois que celebrar duas entradas, o que sempre é melhor do que celebrar uma só, cá por coisas que não ha malicia que descortine.

Foi-ae o anno de 1886 e creio que se foi para sempre.

Eu por mim, ee lançar um olhar retrospectivo atravez dos Jozs mezes decorridos, creio que encontrarei motivos mais para trietezas do que para alegrias. Não me correu bem o 86. No começo ainda tive uns diaes de ventura; depois mais nada, ou quasi mais nada. Não tirei nenhum premio na loteria, tendo comprado dois ou tres bilhetes dos melhores; assisti a uma porção de peças ruins e li por dever de profissão não sei quantos livros máus. Enfim, aconteceu-me uma porção de calamidadea que eu não reproduzo aqui, apesar de eaber quanto o leitor se interessa pela minha pessoa, para não eacandalisar os collegas, que andam agora a degladiar-ae por dá cá aquella palha.

A entrada d'*A Semana* no seu terceiro anno é, sem duvida alguma, um acontecimento dos de maior importancia para a Historia litteraria do Brazil; acontecimento que não se avalia agora, mas que mais tarde, quando a litteratura nacional houver jtingido valor apreciavel, ha de ser louvada e registrada como o maior esforço que neste paiz se tem feito em prol do movimento litterario; e não ficará apenas como um esforço esteril e infecundo: a Historia ha de notar que antes d'*A Semana* nunca houve um jornal de letras que passasse do primeiro semestre, e que este, que ainda hoje se apresenta com uma relativa modestia, começava o seu terceiro anno de existencia regularissima—augmentando o formato!

E é preciso não esquecer que *A Semana* sempre foi distribuida aos sabbados, sem nunca falhar, dando nos cento e quatro sabbados dos primeiros dois annos—cento e quatro numeros, como se pôde ver pelo ultimo,

E agora, neste momento verdadeiramente solemne da passagem para o novo anno, eó a modestia, este diabo de modestia que eu não posso vencer, é que me obriga a não declarar aqui em letra de fôrma que este esplendido triumpho *A Semana* deve-o sómente á *Historia dos sete dias*. Mas isto é coiaa que me fica encerrada no bahu da consciencia e que nunca ninguem aabrará. Eu não gosto de assoalhar as minhas glorias para poder tambem encobrir os

meus erros, que os tenho, como tndo mortal, — apesar de me estar cá dentro a palpitar que o não sou; sim, porque ha em mim qualquor coisa que bruda, perdão... que me brada: — Tu és immortal, Filindal! Tu não morres, grande patife!... Com a tua graça caliste na graça dos deuses, Filindal!

Eu metto-me ainda mais nn casulo da modestia e calo-me. Nem quero que estas coisas se saibam. Se por desgraça esta fama se derramasse pela cidade, amanhã tinbn ou aqui á porta o Instituto Historico com um diploma na mão á espera; e d'esta instituição, tão respeitvel quão esmoalenta, é que eu me quero livrar.

A época está de featas e para festas. Eu abomino esto velho costume de dar as festas muito meaos pelas que sou obrigado a dar do que pelas que sou obrigado a receber. Isto de festas são como os presentes de annos. Para mim não ha nada mais difficil, que mais me perturbe e embarace e atrapalhe e desorienta do que ter de escolher um presente de annoa. Levo um tempo immenso a eacolher e por fim faço sempre triste figura. Mas, com fraaqueza o direi, não ha nada que mais me encalistre, que me ponha mais gauche e me faça abrir mais amarello sorriso do que o offercimento de um presente que me façam no meu anniversario.

Fico atrapalhadissimo, não sei que hei de dizer, nem como agradecer, nem nada; fico uma besta! Sobe-me um grande calor ás faces, remexo-me todo na cadeira, se estou sentado, vacillo e tremo, se estou em pé; sorrio-me, balbucio um agradecimento e faço tantos tregeitos que fico sempre á espera que o offertante me arrume cou o presente nas ventas!

Com as festas do fim e do começo do anno dá-se em mim o mesmo singular phenomeno. Quando as quero dar não encontro ao alcance da minha magra bolça objecto digno da pessoa a quem aa destiao. Por que a uma mulher bonita, por exemplo, a quem dêmos o nosso coração, não lhe havemos de offerrecer coisas de comer. Nada de amendoas nem de bon-bons.. São coisas que se não guardam, que têm um destino pouco convinhavel com ns leis da galanteria.

O que eu quizera dar á dona dos meus sonhos não ha dinheiro que o pague. Objectar-me-ão que ha para tudo um termo médio e que quem não possa dar uma pérola de Ceylão pôde dar um brilhante de Paris. Santissimo Padre Eterno da minha alma! não me digam semelhante coisa. Eu hei de dar objecto que se possa mostrar ou então prefiro não dar nada.

Eu ei sou assim. Entretanto, apesar de ter ainda maior repugnancia pelas receber, não darei nenhum desgosto ao meu querido leitor que por ventura me queira distinguir no dia festivo do anno-bom. Eu com os leitores prezo-me de ser muito delicado, amavel e attencioso. Não; mandem o que quizerem, que tudo acceptarei nobrememente.

N. B. — Tudo é um modo de dizer.

FILINDAL

Sobre as aguas quiz lançar-me  
E não tenia morrer;  
Não me leutrei que morreado  
Mzo te po ita mais vér.

(Cancioneir dos Ciganos)

## A TEMPESTADE

(CH. FOLEY)

Sobre a noite do mar a do céu se eshorde.  
Torva lucta, como um canhoneio, rehoá  
A trovoadá, esmagando as nuvens na oppressão,  
Bombardeiando a treva.

Um rúbido clarão,  
Como sangrento riso, ahe o cariz do espaço.  
Mas é um palpitar de luz rapido e escasso;  
E do epbemero incendio a terra volta a estar  
No escuro. Comprimido entre a agua e o nimbus, o ar  
Dilata-se affaal com furia aterredora,  
Fende o céu, cava a onda; a tempestade estoura,  
E o rai, que se torce através do negror,  
Parece ferro em braza entre o lamiaador.  
Bramem raivas triumphaes, e nas fortes lufadas  
Ao infinito o vento atira hoietadas.

Das ondas, que percorre um fr. nito febril,  
Eri gem-se de horror os vivos seios mil.

Nesse revólto chaos, entre as quatro oscillantes  
Taboas d'um barco, impresso o assombro nos semblantes,  
Offuscados, feições crispadas, espectraes,  
O marinheiro e o filho, immoveis, estão quaes  
Présus que actia e morde e envolve de tormentos  
A matilha feroz das vagas e dos ventos.  
Ao mastro, ainda de pé, se agarra o pae, e ao pae  
Preade-se o filho, e sobre os dois tremula cae  
A vela esfarrapada — um sudario pendente;  
Parecem, no hatel, onde lugubremmente  
Retumba do naufragio o surdo caato-chão,  
Dois mortos que de pé se erguessem no caixão.

Geme o mastro, na angustia os costades estalam,  
E o barco ainda resiste ás ondas que o encurralam;  
Mas eutra um vagalhão, logo outro surge após,  
E a matilha infernal ruge, innumera e atroz,  
Mil guelas alli e: tão para tragar o pohre...  
Um pé de vento o afunda, um rôlo d'agua o cobre,  
Abre-se um precipicio e serve a embarcação.

O homem, com um hraço, aperta o filho ao coração;  
Com o outro, uma táboa ainda ao vortice arranca;  
Atordoado ao bater d'uma avalanche, brance  
De espuma, que o arrasta e quasi o afoga, mal  
Pôde a criança suster a principio; afinal  
Já lucta, já respira, e tem o husto fóra.  
Era horrivel ha pouco. Ainda é petor agora;  
Resistindo, entre o céu escuro e o escuro mar,  
Aos despojos atém-se, e lá vão, a nadar;  
Como que por cruel e cobard.ironia  
O oceano prolonga, a briacar, a agoaia  
Dos miseros que vé no combate sea voz.  
Os pedaços do barco, um agora, outro apoz,  
Leva-os, e um apoz outro os naufragos os colhem.  
O espolio diminue, por mais que afflicto olbem,  
Vae-se o fragil arrimo, eis que só restam dois  
Pedaços do hatel, depois um só, depois...  
Nada!

Aos hombros do pae atira as mãos a criança.  
Naquelle apoio, sim, pode-se ter coafaaça.  
« Coragem diz-lhe, loage a tempestade vae;  
Parece que não tarda a amanhar. »

O pae  
Pergunta-lhe em voz baixa, angustiado, arquejante:  
« Avistas terra? » E então, num grande esforço ovante,  
Nos braços o ergue ácima. O menino estendeu  
A vista para o longe, e alegre prorompeu:  
« Amahece. Lá vejo o môrro, a praia cbeia  
« De cabaaas, e a egreja; o pae, é a nossa aldeia.  
« Vamos dormir em casa ainda, se Deus quizer.  
« Anda; avisto seatada além uma mulher...  
« Mas tu deves estar cansado ... » — « Vae olbando »,  
Diz-lhe o pae, num esforço extremo o susteando.  
« E' manãe, é mamãe! é ella, vejo que é. »  
— « Tarde ! » murmura o pae; falta-lhe a voz até.  
Oh como horrivelmente o filho lhe pesava!  
Os braços do infeliz a caimura inteiriçava;  
Exhauria o vigor nos arrancos finaes,  
Batia na agua, sim, mas não seguia mais.

A criança reflectiu, então: « Sou eu que o prendo;  
Meu peso é muito, o mar egore vae cedendo,  
« Clareia o céu, que bello o dia vae ficar  
« E que tumulo este, enorme e frio, o mar !  
« Mas quem ha de culdar dos irmãos ? Sou cobarde,  
« Já o devia ter lergedo; fica tarde.  
« Sósinho, poderá chegar. Oh que prazer  
« Quando o abraçarem lá ! E eu querie morrer  
« Sobre os joelhos teus, ó minha mamãesinhe ... »

Rubra, por traz da serra, a madrugada vinbe;  
Do bombro do pae tirou a pequenlna mão  
E em silencio afundou.

A' hora em que se vão  
Os pequenos deitar, o alegre e melgo bando  
Assustado repara: « Olha papae chorando ». E pellida, sem ter um riso para dar  
Aos seus risos, sem ter en menos um olhar  
Para as frentes gentis, no aposento sombrio  
A mãe vae se assentar juncto a um herço vasio.

Valença, 1886.

LUCIO DE MENDONÇA

## PAGINAS ESQUECIDAS

RAYMUNDO CORRÊA

(ANNUNCIO)

Fugiu-me, ha mais ou menos quize dias,  
Este excellent e extremecido amigo.  
A quem trouxe-r-m'o — um livro de Tobias;  
Protestarei, se alguem lhe dêr abrigo.

Atteação aos signaes: — Fórmes esguias;  
De praxistas acerrimo inimigo;  
Cerehro aherto ás louras phantasias,  
E nas hotas, ás vezes, um « postigo ».

Adora os versos bons e o enunciante;  
« Toilette » pohre, intelligencia rica;  
Traja estylo impeccavel, frak preto;

Versos publica e fuma a todo instante;  
Se não fuma ou soaetos não publica,  
E' que o fumo desfaz, faz o soneto.

VALENTIM MAGALHÃES.

A VALENTIM MAGALHÃES

(RESPOSTA AO ANNUNCIO)

Fugiu-te o amigo, e um livro prometteste  
A quem trouxesse-o: Eu trago-o... Mas vé bem:  
Se elle pr'a longe foi, quando vieste,  
Porque pr'a longe vaes, quando elle vem ?...

Não foi fiel o aannuncio que fizeste  
Do tal vate; asseguro-te, porém: —  
Se muitas cousas tem que não lhe déate,  
Cousas muitas lhe déste que não tem.

Nem te lembraste d'esta circumstancia:  
De que elle hoje é burguez e os magros dias  
Passa, como burguez, entre os burguezes;

Porém isso é de miaima importancia.  
Cá o tens!... Dá-me o livro do Tobias,  
Do Tobias Barreto de Menezes.

RAYMUNDO CORRÊA.

AS VIOLETAS

O vigário da freguezia de ..., no Rio de Janeiro, acabava de almoçar regaladamente e começava a beber com toda a pausa a sua chavena de chá, quando entrou seu sobrinho, o padre Lucio. O tio apontou-lha uma cadeira perto da mesa e offoreceu-lhe almoço.

Sobre a toalha adamascada, aos bonitos pratos de porcellaõ fina, estavam ainda uns restos de perdiz em salada, bifê, fiambre, ovos, e uma garrafa de vinho.

— Come rapaz, dizia o gordo e vermelho vigário, come, que estás inagro e amarelo de metter medo! E' preciso justificar o que dizem do nosso appetite, homem! Olha que fama sem proveito...

— Mas padre Lucio não tinha vontade, apesar de estar ainda em jejum e accetou, unicamente para acompanhar o tio, uma chavena de chá.

— E' do preto, affirmava o dono da casa, vazando do bule de *electro-plata* para a taça branca, orlada de vermelho, o perfumoso e quente liquido... — é do bom... A proposito, não te esqueças nunca do perguntar ás tuas penitentes norvosas a qualidade de chá de que usam. Pelo que preferim sei logo a que claae pertencem, e pouco mais ou menos quantas culpas têm...

O padre Lucio estremeceu ouvindo o tio falar em penitenteas, e o vigário, deaprecebido, continuou.

— O caso é mais grave do que se supõe. O chá verde origina ás vezes muitas cousas más... já o seu uso é um peccado de lesu bom gosto, que um padre de bem tem o dever de emendar... Eu por mim confesso, concluia elle sempre risonho, que penitente que me disser não poder supportar o bom, o delicioso *black-tea*, não leva a minha absolvição!

Lucio ouvia sem grande attenção o tio, passeiando os olhos pelas paredes da sala de jantar cheias de quadros comindolnras pretas. Via num grupo de aves penduradas pelos pés; n'outro um S. João Baptista abraçado á cabeça felpuda do cordeiro branco; n'outro quatro coelhos de orelhas fitas e olhos redondos espetadinhos e mal feitos; num outro, um S. Sebastião crivado de setetas, deolhar levantado e doloroso; e ao fundo, numa oleographia sobre o comprido, a caia do Senhor, Christo no centro, com as mãos paraellamente erguidas, os cabellos castaõho-louros espalhados nos hombros em madeixas fartas e ondeadas, e os labios vermelhos como a sua túnica, entreabertos num sorriso piado.

Lucio tinha qualquer perturbação na consciencia, isso era evidente, e passava desatradidamente os seus grandes olhos azues por todos os quadros e caotos da casa, procurando um meio de desnfabar o que sentia lá dentro.

Tinha tomado ordens havia um mez apenas. Era novo, inexperiete, medroso; uma organisação de mulher a d'elle, impreisionavel e temente. No dia em que dissera a sua primeira missa, ao levantar vngarosamente a hostia immaculada, as lagrymas rolaraõ-lhe pelas faces e quando se voltou para os feis, entre os quaes estavam a mãe, as irmãs, o tio, o padrinho e os amigos mais intimos, foi com tremuras na voz que balbuciou o solemne—*Dominus vobiscum*—a que a mãe lá do seu canto, embevecida e a chorar, tambem respondeu alto:—*Et cum spiritu tuo!*

Pobre Lucio!

O tio sorvera o ultimo gole de chá e ia levantar-se, quando elle, com medo de que lhe fugisse occasião propicia para uma confissão inevitavel, resolveu-se a dizer tudo naquelle instante mesmo. Se o não fizesse, se transigisse com o iofantil receio que lhe tolhia a lingua, o tio sahiria, e elle teria de carregar o dia todo, doze loogas horas ainda, a consciencia turbada por uma monstruosa nuvem negra!

Por isso, estendendo a mão esguia e branca para o vigário oum gesto de pausa, disse-lhe:

— Teoha paciencia, eu preciso falar-lhe.

O tio ollou interogativamente para o sobrinho, recostou-se mais na cadeira, descaõgou no grande veotre arredondado a mão esquerda, emquanto que a direita remexia com a colherinha de prata o assucar depositado no fundo da chicara, estendeu indoletoemente as pernas e esperou.

Lucio passou e repassou nos labios o

guardanapo, tossio, levantou-se, ollou á roda, foi fechar uma porta que dava para o interior, puxou depois para mais perto do tio a cadeira, eentou-se, e curvando o huato anguloso e delgado, principiou:

— Entrei hoje pela primeira vez ao confessorio...

— Ab! bem! já todas os deveres do sacerdocio te são conhecidos... dou-te as minhas sincerissimas felicitações... — Não me diga isso, meu tio, porque... eu não cumpro com o meu dever...

O vigário voltou-se rapidamente e os seus olhinhos, por effeito talvez da digestão ou do calor, amortecidoa preguçosamente até ahí, arregalaram-se cheios de espanto.

O sobrinho continuou.

— Entrei hoje na Lapa ás nove horas. A igreja estava cheia de feis; eu devia ir dizer a minha missa no altar de Noaa Seohora, como sempre, e ia para montar-me com todo o socego quando o padre Estacio foi pedir-me que ouvisse de confissão a filha de uma viscondeasa. Euf não posso, dizia elle, porque foi agora mesmo chamado para ir assistir á agonía de um amigo meu, mas já lhe falei e ella consente em confessar-se a vocé.

Agradeçi ao Estacio a distincção, e, depois de ter dito a minha missa, encaminhei-me para o confessorio.

Tinha acabado de aentar-me quando a penitente se ajoelhou a meos pés. Era uma mulher gorda, pallida e formosa; commovida, levantou para mim os olhos, dois olhos oegros; brilhantes, onde nadavam lagrymas, e, com voz clara e tremula, balbuciou uma phrase queixosa do seu destino...

O vigário ouvia impassivel, de sobranceiras franzidas; Lucio curvou-se ainda mais e proseguio:

— Tinha entre as rendas pretas, a segurar-lhe no peito a mantilha, um ramo de violetas, que me faziam mal, que me perturbavam, que me endoideciam. Eu olhava attentamente para ella, para os seus olhos lacrymosos e doces como os da Magdalena aos pés do Christo...

O vigário não gostou da comparação, abanou reprehensivamente a cabeça, e o sobrinho, sem entender o movimento, repetio a imagem e disse mais:

— Ella com certeza julgava que eu a escutava, mas não; eu via-a, via-a só, todo embebedo oaqueles olhos, entontecido pelas violetas! Que aroma! como pode uma criança delicada, franzina, usar flores que fazem quasi perder os sentidos a um homeu? Aquillo deleitava-me ao principio, dava-me vertigens por um!

Acordei; fui chamado á realidade pela voz da minha peoitente, que, admirada do meu silencio, me perguntou se teria de cumprir grande penitencia e se estava absolvida...

Corei. Sentí que todo o sangue me subia ao rosto! Se de tudo que ella dissera eu oada, nada entendera!... Pensei um minuto e depois...

— Absolveste-a?! perguntou assustado o vigário.

— Não! dei-lhe por penitencia ova confissão, amanhã, ás oove horas, na Lapa.

— Fizeste bem; era o unico recurso. E poz-se depois o vigário a recordar theologicamente a Lucio os deveres do confessorio. Exprobrou a fraqueza do sobrinho, fez-lhe ver o diabo malignamente risonho de armadilha preparada para o eolear, declinou, gesticulando, cootra a fragilidade do padre, d'esse infeliz padre de vinte e cinco annos, debil e impresionavel, que, aterrissado do seu grande peccado, escutava-o humilde, conctrico, como as mãos cruzadas sobre a batua oegra e nova, os olhos baixos, a cabeça peidida sob a saravada dos adjectivos bombasticos e fulminadores, que, como pedradas, lhe cahiam em cima.

O tio era um pregador de recursos. A sua palavra ardente fuzilava no ar. Os seus conceitos ribombavam como trovões pejados de electricidade. Nas graudes ceremonias, nas occasões mais solemoes, escolhiam-no, a elle entre todos os pregadores. Seus graodes sermões punham angustiosos medos no coração das devotas. Elle oão apontava nunca o céo como o beoelico e doce consolo dos tristes e des desgraçados. A palavra perdão raras vezes lhe sahia dos labios tumidos, e tinha na voz redobrado vigor ao pronunciar, ali, mesmo em frente á imagem do

pallido Nazareno, atirando-a com um estalido de latego sobre a multidão a palavra — castigo!

As devotas choravam, e por isso elle descia sempre triumphante do pulpito.

Nessa manhã, como na' igreja o vigário recorreu ás atordadoras phrases do seu vastissimo & cruel repertorio; Lucio chegou a tremer d'aquella amagadora colera, e sentia dobrarem-se-lhe os joelhos.

Quando a tempestade se acalmou, o tio recolheu-se para melhor pensar e orar, dizendo a Lucio que o esperasse e lêsse o breviario, que lhe entregou. Uma hora depois voltava o vigário á sala e dizia ao sobrinho:

— Foi grave a tua culpa; deve ser grande, para aer purificadora, a tua penitencia.

Amanhã ás 8 horas vae á igreja do Castello e confessa-te lá; depois dize por mim a missa das 10 em S. Francisco; eu irei em teu logar ouvir de confissão a filha da viscondessa.

Lucio curvou-se submisso e prometeu cumprir o que lhe dictava o tio.

Toda essa noite passou-a elle em claro, illuminado pelo fulgor de uma olhos negros, os olhos do penitente, que lhe não sahiam da memoria! Maldicção! exclamava, revolvendo-se no leito... imaginando vor, atravez do brilho lacrymoso d'essas pupillus scintillantes, o diabo, tal qual o pintára o vigário, a rir malignamente, preparando-lhe uma armadilha traiçoera.

Ansioso de expiar a sua culpa, levava-se cedo, rezou, leu muito, e ás 8 horas gulgava a largos passos a ladeira do Castello, onde iria de novo lavar a sua alma enodoadá e triste...

O vigário cumpriu a sua promessa. Emquanto o sobrinho se penitenciava lá em cima, ouvia elle os peccadilhos da filha da viscondessa. Curvado para ella, sem deixar de ouvil-a com a experiencia de velho confessor, observavalle a belleza fresca e meiga, e o ramo de violetas, umas iofelizes violetas de panno, seu olor, floras artificiaes bem acabadas, trabalho caro e caprichoso, com a mesma cor, a mesma forma, mas não o mesmo encanto das oaturaes, e com que ella segurava, como oa vespera, as rendas da mantilha...

Vendo-as, dizia consigo o vigário—O aroma das violetas foi o brilho d'estes olhos negros e a moridade de Lucio... e, elevando no ar a mão assetinada e branca, fez, sobre a cabeça curvada da bella penitente, a cruz clemente da absolvição.

Lisboa, 11 de Agosto de 1886.

JULIA LOPES.

POR UMA ESTRADA

A PAULA NEY

A mesma estrada piso emfim, que eu d'aotes A tardo passo tremulo seguia. E'a mesma ainda o mesmo sol espia Do Parahyba as gandrás circumstantes.

Soh os humidos arcsos triumphoates, Eil-a — a rustica ponte sobre a fria Corrente; e o mesmo bosque; e a serrania, A mesma; e os mesmos cafezaes ondeantes...

Mas, porque sei que ao termo d'ella, agora, Volveo os olhos pelos campos fora, Alguem, ansiosa e soffrega, me espera,

Acho mais breve a fadigosa estrada: Acho-a mais livre, mais desaffrontada, E mais alegre do que d'antes era.

J. DIAS DA ROCHA.

JORNAL E REVISTAS

Revista Pharmaceutica. No 4, An. I. Com este n. firma-se mais na aenda scientifica em que iniciou os seus trabalhos, esta importante revista que honra o Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, do qual é orgão.

Sabemos com que difficuldades lutam aquelles que se respoosabilisam pela publicação de uma Revista de tal

natureza e e por isso que não pouparamos appiausos aos redactores da *Activa Pharmaceutica*.

Revista do Observatorio. Anno I, u. 12, correspondente ao mez de Dezembro. Uma lithographia da ultima pagina d'esta importante revista, antemostre-nos o aspecto do céo ás 8 horas e 20 minutos da noite de 15 de janeiro corrente.

O Occidente, de Lisboa, 2º Anno, n. 25, de 21 de Novembro. Traz as seguintes gravuras: — Retrato de Antonio Enoes; vistas — da ponte Luiz I, do Porto, da Oava de Viriato em Vizeu, e do Pelourinho da villa de Ovar.

O texto brillantemente redigido por Gervasio Lobato.

Correio da Europa, n. 25 do 7º anno: Traz as seguintes gravuras: — Ponte de ferro D. Luiz Lentre o Porto e Villa Nova de Gaya. A torre Eiffel, e retratos dos Srs. Candido de Figueiredo, Manoel de Macedo Sotto Maior, e Francisco Simões Carneiro.

O n. 5 do *Rataplan* está primoroso. Belmiro desenhou-lhe umas leves e engragadissimas caricaturas e Decio Villares fez um bello retrato da Exa. Sra. D. Izabel L. G. Roque de Pinho. Texto espirituoso e variado. Um perfeito jornal caricato — o *Rataplan*.

NESSUN MAGGIOR DOLORE...

Já não posso illudir-me: o affecto brando Que fez nascer em mim seu olhar doce, Como o lago se torna em mar, tornou-se N'isto que vas em ancias me malando.

Nem eu já sei dizer como nem quando Me nasceu este amor nem sei qual fosse O instante de delirio que me trouxe A vida aos sonhos em que andei sonhando

E fujo d'este amor, sonho desfeito... Dentro da sepultura do meu peito Vae encerra-se o ultima illusão.

Min' alma solta um intimo gemido, Parto, levando o coração partido, Mas deixando feliz seu coração.

SILVA RAMOS.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Doas Srs. Carvalho e Pons, edictorea proprietarios da Typographia Elzeviriana, de Lisboa, recebemos o exemplar n. 74 da edição de 200 de um folheto io d' grande, contendo o original, uma variate e varias traducções do celebre soneto de Camões

« Alma minha gentil que te partiste » O folheto é prefaciado modestamente pelo Sr. Xavier da Cunha, que se incumbio da revisão das provas.

Ha no folheto 1 traducção em mirandez, 2 em castelhano, 2 em gallego, 9 em italiano com 3 variates dos tercetos. 1 em reggiano (dialecto de Reggio di Calabria), 1 em siciliano, 1 em holoohez, 1 em veoziano, 1 em friulano, 1 em milanez, 1 em genovz, 1 em catalan, 3 francezas, 3 inglezas, 5 allemaos, 1 vasconça e 1 em gheez.

Mas o que é um primor, uma coisa encantadora, rara, extraordinaria de belleza, de elegancia, de bom goeto — é o trabalho typographico! Admiravel. Todas as paginas são ornadas de uma vinheta soberbamente impressa a duas cores, composta e combiada artisticamente, de um effeito hellissimo.

O livro é de magnifico papel *chamois* encorpado e a capa é de um bello papel-couro.

Esta primorosa e formosissima edição traz o titulo de — *Florilegio de Bibliophiles* e o mais que podemos dizer d'ella é que é digno, inteiramente digno do genial soneto de Camões.

A impressão foi feita sob a direcção artistica do impressor Alfredo de Carvalho. A quem damos d'aqui os parabens entusiasticos que o seu notavel trabalho merece e a quem cordialmente agradecemos o exemplar com que nos honrou.

Da casa Laemmert & C. recebemos um exemplar, muito bem impresso e encadernado nas officinas d'aquella importante casa editora, do *D. Quixote de la Mancha* «Redigido para a mocidade hrazileira segundo o plano de F. Hoffmann» por Carlos Jansen.

Não não podemos comprehender como se redigiu um livro já feito e consagrado pelos seculos. O *D. Quixote*, tal como está *arranjado* para a pobre mocidade hrazileira, que vai comer gato por lebre, é um *D. Quixote* castrado, segundo o que diz no prefacio o Dr. Ferreira de Arnujo, que muito ingenuamente dá parabens aquella illudida mocidade já mencionada.

Outra coisa notamos neste livro: — é que, se não fosse o prefacio referido, ninguém saberia quem escreveu a celebre historia do cavalleiro da triste figura, pois que o nome de Cervantes não está escripto senão nesse prefacio. E parece-nos que, afinal, fora melhor não ter sahido impresso nem mesmo no prefacio o nome do glorioso escriptor hespanhol.

Porque, senhores, Cervantes não fez o seu maravilhoso e engenhoso fidalgo para uso das escolas; e, se é para dar a conhecer á mocidade uma das maiores obras do ingenho humano que se lhe dá o *D. Quixote*, dê-se-lho como o concebido e executou o seu auctor, porque ninguém tem o direito de alterar ou modificar a obra do genio.

Se, porém, é com o fim de moralisar apenas pelo exemplo das boas acções, dê-se-lhe então a historia da *Princesa Magalona*, que é moral como um sermão ou como um Manual da Missa. A aducção escaparam alguns erros de portuguez e de grammatica que seria bom corrigir pela addicção de uma *errata* no fim.

O livro é ornado de bonitos chromos, vistosos e bem impressos. O trabalho artistico honra em muito as officinas dos Srs. Laemmert & C.

Do Recife recebemos uma brochura in-8º francez, de 136 paginas, que tem o seguinte titulo: *Os dois amigos*, romance brasileiro por Pedro Salazar M. da Veiga Pessoa, estudante do 5º anno de Direito, natural de Pernambuco.

Um exemplo do estylo descriptivo do auctor:

«Uma brisa suave e perfumosa agita de mauzo os timidos arbustos da campina, e de passagem, ás mais mimosas flores dos jardins, segredava uma caricia.»

«Algumas donzellas, cujas vestes de jasmim formavam com a candidez da noite a mais perfeita harmonia, já passavam ao tibio clarão da lua que surgia cobrindo de afaços as mimosas flores, que iam colbendo nos primorosos jardins que nformoseavam as poucas então, porém elegantes habitações d'esse lugar, hoje sobre todos apreciado.»

Isto é o que Ramalho Ortigão diz que «não é escrever, é coçar-se.»

Nós, porém, nada diremos.

O auctor diz num prefacio que não leva absolutamente em conta a apreciação dos criticos de baixo calibre.

Ora, como nos não sabemos em que calibre nos suppõe o Sr. Pessoa—calam-no.

A dizer-lhe alguma coisa, pedir-lhe-iamos que modificasse um pouco as suas opiniões a respeito dos modernos processos litterarios e não se aterrassse tanto com o *realismo desbragado* de que fala no prefacio. Se desbragam o realismo os escriptores que não têm as bragas do talento.

Nós estamos já muito habituados a esse logar-commum da candidez litteraria dos guism-brisas, dos novelistas piegas e dos nenographos plangentes. Já nos não impressiona o protesto.

Lance o Sr. Pessoa um olhar mais profundo em torno de si e deixe-nos esperar alguma coisa da sua pessoa.

*Simplex historias*, por Xavier Marques, 82 paginas, in-16. Bahia, typ. do «*Journal de Noticias*.»

Um livrinho bom, escripto com cuidado e carinhos de linguagem.

Consta de pequenos contos litterarios, alguns muito felizes, bem tractados e observados com boa vista.

No estylo ha talvez um certo derrame, vindo de uma tal ou qual preoccupação do neologismo; todavia ha largos trechos isemptos d'este defeito, que se leem com muito prazer e que se podem aplaudir francamente.

*Poemas e Versos*, por Cypriano de Miranda, Bnturité (Ceará), typ. do «Cruzeiro», broch. in-8º francez, 132 pagas, com um prologo de Martinho Rodrigues.

O Sr. Miranda tem muito entusiasmo, muito boa vontade, e mais nada. O prefaciador chama-lhe «uma brilhante esperanza». Creemos que o poeta não passará d'isso.

Não sabe portuguez, não tem noções de grammatica, não tem idéa do que seja metrificacão. Que diabo se pode esperar d'este Sr. ? Que continue a ser uma brilhante esperanza e o esquecimento lhe seja leve.

O Sr. Dr. Clovis Bevilacqua, um dos nomes mais conhecidos e respeitados entre os modernos escriptores do Norte, acaba de publicar, no Recife, uma nova obra: «*Estudos de Direito e Economia Politica*». Pertence á «Biblioteca de Sciencias Modernas»

Estudam-se neste livro as seguintes questões: «O problema da miseria; Uma lei natural no dominio da economia politica; O Direito; O fim do Estado; Renascença da sciencia da administração; Sobre o valor juridico do escravo romano; Afinidades juridicas.»

Traz o livro a seguinte epigraphe de Vannus que dá idéa do espirito que presidiu á sua confecção:

«E' uma a evolução como é uno o universo, como é uma a força que o impelle do movimento em movimento e se manifesta em todos os phenomenos, como é uma a lei que os rége.»

De obra tão importante não é licito dizer sem leitura completa e attenta.

O Sr. Dr. Bernardo Teixeira do Moraes Leite Velho, antigo advogado dos auditorios da Relação da Corte, acaba de publicar uma excellenté «Monographia juridica e pratica das execuções de sentenças em processo civil, fazendo-a acompanhar de addições contendo as reformas da lei de 5 de outubro de 1885 e Decreto de 25 de janeiro de 1886 e a synopse, em forma de código, de todo o processo das execuções hypothecarias e pignoraticias.»

E' um trabalho de grande utilidade para o nosso fóro.

F.

## AQUI, ALI, ACOlá

Ao partir Emilio Castellar, ultimamente, de Paris, foi-lhe oferecido um banquete de despedida, ao qual compareceram cento e cinquenta convivas—notabilidades artisticas e litterarias.

Depois dos *toasts* politicos de rigor foi concedida a palavra aos grandes poetas e escriptores que se achavam á mesa. Castellar, ao terminar os brindes, disse que «desejara exprimir á França, aos Francezes amigos e compatriotas, a alegria e o orgulho que lhe causava um tal acolhimento.»

Trata-se de reconstruir a antiga Carthago. O cardeal Lavignie acaba de submeter ao papa e ao governo francez um plano que permitiria o reconstruir-se a cidade de Annibal.

Dar-se-á o caso de quererem realizar *Solambó*?

Segundo as idéias do cardeal a nova Carthago, exclusivamente christã, deverá ser o centro das missões catholicas na Africa.

PASSEPARTOUT

## NO SAHARA

A GASPAR DA SILVA

Pleu deserto! Ao passo dos camellos  
A caravana segue. O sol golpeia  
Com rubros raios a infinita areia  
Que alem se eleva em rutilos novelos.

O vento sopra: é fogo—nos cabellos,  
E' pelas faces—beijo que incendela,  
E' halito do inferno que afogueia  
Dos camellos os rentes, ruivos pelos.

Gritem da comitiva: Sede! Sede!  
Respondem ternamente: O oasis: vede,  
Eil-o, all'stá: Miregem tentadora!

E segue a caravana. Muitos morrem  
Mordendo a areia. Só os camellos correm...  
Só os camellos vão deserto afóra!

ALFREDO DE SOUZA.

## MUSICA E MUSICOS

CONSERVATORIO DE MUSICA

Sessão solenne para distribuição de premios em 20 do corrente.

Anunciada a chegada do Imperador, pelo *hymno*, chapa n. 1, mal executado, achufrinado mesmo, sendo Presidente da sessão o Ex. Barão de Mamoré, o Director leu o discurso official do qual nos ficaram somente estas palavras: *le monde marche* (as primeiras) e *Pedro*, protector das artes (as ultimas).

Sua Magestade tem mais que fazer do que importar-se com a marcha do mundo na parte relativa ao desenvolvimento das artes entre nós.

Se o Imperador protegesse as artes o conservatorio seria administrado melhor e gosaria de outras regalias, dando, portanto, outros resultados.

Feita a distribuição de premios seguiu-se o concerto que foi aberto pelo *hymno de artes* cantado pelas alumnas do Sr. Fiorito sob cuja regencia *cagraçada e piherica* erraram, desafinaram, atrapalharam... que foi uma lastima.

Em seguida uma alumna do mesmo Sr. Fiorito, cantou uma cavatina da opera *Saffo* (isto quando *le monde marche*) que nenhum effeito produziu por faltar-lhe a emissão clara da voz, o colorido e mais adubos necessarios para entusiasmarmos o publico.

Como, porém, a medalha tem o seu reverso, apresentaram-se depois tres alumnos dos professores Cavallier, Duque Estrada e Cernicchiaro (que trabalhiam para levantar aquelle estabelecimento da decadencia em que se acha) e executaram o primeiro um concerto de flauta com muita correção e nitidez; o 2º (uma alumna) o *Movimento perpetuo* de Weber, para piano, a contento geral, pelo que foi applaudida, e o 3º, Siloinha, como o tratam os collegas, criança de 13 annos, interpretou muito bem a *scene de Callet* de Beviot.

O publico, que neetas occasões é juiz supremo, não se conteve e o applauso calorosamente, orgulhando-se de ver que naquelle menino ha esperanza de uma gloria futura para a nossa patria. Parabens ao Sr. Jeronymo Silva que tem sabido como pae de familia exemplar mostrar a seu filho o verdadeiro caminho do estudo. Oxalá que todos o imitassem e o desenvolvimento da musica entre nós seria outro: os talentos, longe de morrerem apenas manifestados, progrediriam e engrandeciam o nosso paiz tão pobre ainda de artistas.

GALLI-LEO.

## CARTAS DE LISBOA

«HISTORIAS DA MONTANHA», POR MONTEIRO RAMALHO.

Na minha revista litteraria prometti falar-lhes mais desenvolvidamente de alguns livros de que fiz simples menção.

Um d'elles foi as *Historias da Montanha* do Sr. Monteiro Ramalho, de que lhes vou falar hoje, deixando por isso para a proxima carta a conclusão da revista retrospectiva, relativa ao movimento

artistico, e indo aseeim intormeando nae minhas correspondencias assumptos mais proximos com os menos recentes, até estar em dia, no que os leitores de certo me approvarão plenamente.

E se não desisto de dar a minha opinião sobre as *Historias da montanha* depois de publicado na *Semana* um artigo critico sobre aquelle livro, do nosso director Valentim Magalhães (artigo que eu, infelizmente, não conheço por não ter recebido o numero respectivo), é porque, se sobre o livro qualquer pode falar melhor do que eu, e muito especialmente o director da *Semana*, ninguém melhor do que eu pode falar do auctor, da sua educação, dos seus processos e dos seus intuitos litterarios.

A critica contemporanea, em razão da propria natureza, soffre mais do que qualquer outra manifestação intellectual, a impressão da corrente analytica e experimental, profundamente caracteristica do nosso tempo que atravessa t do o campo de investigação do homem: sciencias, artes, philosophia e religião. Por isso em tempo nenhum se estudou como hoje tudo quanto pode auxiliar o conhecimento de um facto, de um individuo, de uma obra d'arte. Tudo se aproveita: as coisas á primeira vista mais insignificantes são ás vezes de um interesse capital.

E' preciso, conhecer as pequenas coisas para se conhecerem as grandes, disse Michelet. Uma pequena differença no apontamento de uma data é sufficiente para induzir em erros consideraveis; um pequeno detalhe intimo revela ás vezes claramente a psychologia do escriptor.

Por isso o meu fim principal é falar-lhes do Sr. Monteiro Ramalho: a sua obra dir-nos-á alguma coisa do auctor; porém mais facil e seguramente avaliaremos a obra, depois de estarmos na intimidade de quem a fez.

Só mais duas palmas antes. Da minha amizade para com o Sr. Monteiro Ramalho poderão alguns concluir a parcialidade da critica. Podem estar desencantados, meus senhores. Eu sou sempre franco e sincero: mas com os meus amigos sou mais do que isso, — sou brutal. Nem comprehendo a amizade sem a franqueza. Por este feito sou entre as minhas relações chamado *má-língua*; o tenho poucos amigos, por mim tidos como taes. Mas eu sou assim, e não d'outro modo; faço minhas as palavras d'Herculano; Isto digo, isto sinto; isto escrevo, que de outro modo não sei falar nem escrever. E se alguma vez não posso dizer o que sinto (ninguém é absolutamente independente), não digo nada, calo-me. E quem não me quiser assim que me deixe.»

Em 1880, em virtude de uma edição que eu projectava, Columboano apresentou-me Antonio Ramalho, o artista de quem já lhes falei a proposito do *Leão d'ouro*. Datam d'então as minhas relações com Monteiro Ramalho, seu irmão, que eu encontrava a miudo no café, nas exposições, em casa, no pequeno meio artistico e litterario em que eu me achava. Mae nesse tempo os dois irmãos não se falavam. Ieso e as suas maneiras um pouco reservadas e d'uma gravidade pouco da sua idade conservaram-me sempre a certa distancia d'elle. Para isso contribuiu tambem o estylo atormentado, trabalhoso, aspero como um caminho de eerra, de alguns artigos que eu lia d'elle de vez em quando, e o seu insuccesso surdo, mas formal, na nossa *troupe*.

Por esse tempo publicou elle no *Brinde* annual do *Diario de Noticias* (1880) um conto aldeão — *O Diabo* — que podemos considerar como o marco inicial da sua via litteraria, e em que se podem já descortinar, através d'aquelle embrogio de adjectivos e adverbios, algumas das qualidades que constituem a sua individualidade de escriptor. Os adverbios em *mente* d'aquelle artigo, esta nota offereço-a ao Sr. Marianno Pina) que algum da minha familia teve a paciencia de contar, são perto de 130 em 20 paginas.

Pouco a pouco as nossas relações apertaram-se; e hoje o maior amigo de Monteiro Ramalho sou eu—salvo erro. Tenho uma grande satisfação em apresentar-vol-o, queridos leitores.

Monteiro Ramalho é um *sympathico* typo de meridional. Moreno, como legitimo transmontano que é, forte, ca-

bellido, heijos grossos, bigode preto como o cabelo, que usa curto, apartado ao melo.

Sempre correctamente barbeado e vestido, de um dandy mo delicado e sobrio, como convem a um correspondente da *Gazeta de Noticias*, maneiras graves e finas, em que se adivinha o convívio habitual com senhora, reservado com extranha ou indifferentes, expansivo e alegre com companheiro com os seus amigos, sem ter tolavia em caso algum a *verve* palradora, desordenada, *entrain* endiabrado, grullin de seu irmão. Essa differença de indole dos dois irmãos explica as suas desintelligencias. Emquanto o Antonio, de palheta na mão, piuta o seu quadro, assoviando ou cantando um *couplet* da Trindade ou da revista do anno, palrando, mexendo, fazendo burlho, e mesmo dançando num ou noutro dos continuos intervalos; o escriptor, nervoso como todo artista, requer primeiro que tudo, como todo escriptor nuante da sua arte, requer para traballar, silencio, ordem, seriedade.

O seu gabinete de trabalho é num ultimo andar, na cidade alta, aonde o rumor da capital chega já muito atenuado como o de uma orquestra longiqua. De um lado as janellas dão sobre o Tejo, com um primeiro plano de telhados e traceiras de casas, com a paisagem da *outra-banda* por horizonte terminando para a direita na casaria occidental da cidade, polo rio e pelo mar. Do outro lado tem uma janella de agua-furtada, com uma platibanda, que dá para a rua, uma das principaes da capital, onde ás vezes noa outretreiros a ver o formigueiro de gente que passa lá em baixo.

É ali que elle tem os seus cravoiros para fornecimento da *boutonniere*, e é por ali que ás vezes nos vamos fazer uma excursão ao alto do telhado para vermos se chegou o paquete ou para examinarmos — a paisagem. De um lado é o gabinete de leitura; do outro o gabinete de trabalho. Neste uma pequena meza supporta a bibliotheca, uns 300 volumes, empilhados ás rimas, encostados á parede, na maior parte de litteratura e arte moderna, todos em brochura (porque elle não compra livros encadernados), illustrações e *plaquettes* artisticas. Noutro meza, muito larga, a meza de trabalho, rimas de jornaes, — o *Cô Heias*, a *Gazeta de Noticias* e jornaes portuguezes. Pelas paredes quadros, aquarellas, gravuras, chinezarias coloridas, *bibels*, etc.

A sua vida de todos os dias é uma vida perfectamente regulada, vida de trabalho, de escriptor consciencioso, convencido da verdade desta phrase de não sei que escriptor moderno: a inspiração é o trabalho de todos os dias. A não ser no dia immediato ao da correspondencia para a *Gazeta*, que para compensar a estopada da vespera, para *equilibrar*, se dá um feriado de vadiagem consoladora, ou um ou outro dia de *écho ppée* para o campo ou para o rio — para retemperar, passa todo o dia em casa trabalhando, tomando notas para a correspondencia, escrevendo, corrigindo, lendo, architectando novos trabalhos; isto desde pela manhã até ás 4 horas, em que uma campainha em comunicação com o 2º andar o clinha para jantar. As suas distracções são as visitas periódicas aos *ateliers* de Alberto Nunes, Columbo, Malhoa ou Gyrão, um passeio pelas livrarias ou pelas ruas para ver as vitrines e as mulheres, ou pelo rio até Belem, á tarde, se é verão. A noite é certo no Leão para conversar d'arte e dos acontecimentos do dia, e onde se demora até ás 11 ou meia noite, se não vne a S. Carlos ou para um serão de senhoras, onde não falta nunca. E com isto, não faltando, como genuino artista do seu tempo, a nenhuma das nossas poucas festas aristocraticas, da aristocracia da elegancia, do dinheiro, ou do talento, — salons litterarios ou musicas, hermesses, exposições, festas populares; nos theatros — raras vezes, só quando vale a pena.

Se accrescentar que elle nasceu numa aldeola de Traz-os montes, á beira do Douro, entre montanhas, onde todos os annos va passar um mez de ferias para realentar o espirito com algum tempo de treguas no trabalho ininterrupto e violento da vida moderna, descanço tão necessario como o somno, berei dicto do homem e que importa para explicar o artista. Vejamos agora o artista, o escriptor.

(Conclue no proximo numero)

EMÍDIO MONTEIRO.

GAZETILHA LITTERARIA

Por morte do academico Falloux vagou na Academia Franceza a cadeira que era por elle occupada, e que pertencera successivamente a Auger de Mauléon, Daniel de Priezac, Michel du Clerc, de Tourréel, Roland-Malet, Boyer e outros. Procedeu-se á eleição e por maioria de votos foi eleito o Sr. Gréard contra Haussonville que só obteve 11 votos e Oscar da Vallée que só teve tres. Gréard, o novo academico, é auctor de diversas obras notaveis sobre ensino e educação. A sua ultima obra publicada, que trata da educação do sexo feminino, com annotações e observações sobre os trabalhos congeneres de Mme de Maintenon, é trabalho notavel pela elegancia do estilo como pela profundesa dos conceitos.

Olavo Bilac, nosso estimado collaborador e já notavel poeta, vai publicar em volume as poesias que compoz durante o periodo de 1884 1886, dividindo-as em tres partes: *Panoptias*, *Via-Lactea* e *Sargos de Fogo*.

Brevemente, pois que já entrou para o prelo este livro onde ha bellissimas joias, os amantes das boas letras poderão ler, reter e decorar os bello versos de Olavo Bilac.

Mais uma edição do famoso romance de Alex. Dumas, d'aquelle, talvez, a que elle deve a celebridade, — acaba de ser posta á venda pela livraria Quantin, em Paris. O que apresenta de novo esta ultima edição da *Dama das Camélias* é que traz um prefacio do proprio auctor; prefacio interessantissimo como obra litteraria e cuja leitura proporcionaremos em um dos proximos numeros d'A Semana.

O drama philosophico de E. Renan — *A abadesa de Jouarre*, acaba de ser traduzido em italiano e será provavelmente representado no theatro Valle, em Roma.

Um notabilissimo livro de critica acaba de vir á luz edictado pela livraria Hachette, Paris. Esse livro de que é auctor o celebre prolector Gustave Larroumet intitula-se *Molière actor e director*.

Recommendamos esta obra de critica de arte áquelles que se occupam ainda de cousas de theatro.

O nosso collaborador Olavo Bilac autorisa-nos a declarar que, contra o que noticiaram as folhas diarias, não prefaciara o livro de versos que com o titulo *Sonatas* deve ser publicado proxlamente.

IMPRESSÃO

Quando te veja fico sempre triste; Torna-se-me o olhar humedecido; E da primeira vez que me sorriste Doeu-me o coração, já tão ferido.

Eu proenro-te mesmo: sinto um goso Neste lento pungir, nesta tortura. Hontem isto ainda foi mais doloroso, E eu reparei em ti com mais ternura.

Fi-puei assim a olhar-te longamente, Com o rosto entre as mãos escaudecidas. Depois, ancida, ergui-me de repente E saltaram-me as lagrimas sustidas.

Fez-te mal ver-me assim; causei-te espanto. A minha mão na tua estremeceu. Ah! não soubeste a causa d'esse printo... Pareces minha irmã que já morreu!

GARCIA MONTEIRO

COPRE DAS GRAÇAS

— O' Gnstavo.  
— Que é João?  
— Tens reparado na assiduidade, com que o Lopea te visita?  
— Não.  
— Pois olha, é preciso cuidado: creio que tua mulher nos engana.

Authentica:  
Um pobre réu mostrava grande abatimento e tristeza durante a julgamento no jury.

— Cuidado! disse um aeu amigo, como está triste!  
— E' porque quer — disse um dos guardas do preso — porque eu já lhe dei uma *Gazeta* para distrahir-se.

— Porque será que o jornalista F. anda sempre a dormir?  
— Dizem que lê o que escreve.

— Homsm, disseram me hoje Que a vida publica foge, Sem ter motivos nem nada, A Miloa da Saude?  
— Deu-lhe uma dór de virtude E recolheu-se á privada.

Em uma officina de cbapeus de senhora, um saugeito exaltava as qualidades que tinham varias donzeilas empregadas no enfeite dos chapueos e dizia que ali é que havia boas esposas.

Um ouvinte, ao lado:  
— Ao menos hão de saber muito bem enfeitar os maridos.

A deslumbrante Amelita tem um amante, que além de velho é ciumento e estúpido; de vez emquando ha entre elles esta scena: Elle põe o cbapéu na cabeça e, ao sahir:

— Até logo, bemzinho.  
— Quando voltas?  
— Não sei.  
— Olha, vem um pouco mais tarde.

Eulalia, tendo receio Que o Marquez de Val Secreto Não seja muito discreto, Não quer aceitar-lhe a côrte; Elle, pra' ver se a commove, Diz-lhe: «Tende confiança, Eu pareço-vos criança, Mas já fiz sessenta e nove».

BIBIANO.

SPORT

Fsteve esplendida a nona e ultimo corrida extraordinaria do Derby-Club no domingo passado, apezar da chuva forte que por vezes cabiu durante o divertimento. Os pareos foram bem disputados e com grande animação applaudidos pelos amadores.

Eis o resultado:  
No 1º pareo (1450 metros) *Pirata* em 106 segundos venceu os seus competidores. *Jenny*, chegou em 2º e *Caporal* em 3º.

Tambem correram: *Aldace*, *Chapeco*, *Saltarelle*, *Marengo*, *Condor* e *Pretoria*. Não correram *Morena* e *Lucifer*.

No 2º pareo (1000 metros) *Druid* em 70 segundos fez boa corrida, vencendo os seus adversarios. *Nicoafy* em 2º, *Intima* em 3º, *Biscata* em 4º, e *Aymoré*, em 5º. *Vampa* e *Villa-Nova* ficaram no poste de partida.

*Boyardo* e *Dinorah* não correram. No 3º pareo (1.450 metros) *Cheapside* com facilidade, em 103 segundos, venceu *Cañita* que chegou em 2º. *Peruana* em 3º. *Regina*, *Waller* e *Dr. Jenner* vieram na bagagem.

No 4º pareo (1.450 metros) *Alfredo* em 106 segundos venceu facilmente os seus competidores. *Pancy* em 2º e *Diana* em 3º. *Phenicia* e *Daybrach* não correram.

No 5º pareo (1.600 metros) *handicap* — *Talisan* em 114 segundos sahiu vencedor de *Sibylla* que chegou em 2º e de

*Boreas* que veio na bagagem. *Nicoafy* chegou em 3º.

No 6º pareo (1750 metros) *Monitor* em 129 segundos fez boa corrida e facilmente baton os seus adversarios. *Mutus* chegou em 2º, *Odalisa* em 3º, *Floatsam* em 4º. *Galgo* na bagagem. *Dandy* não correu.

No 7º pareo (1600 metros) *Charybdes* em 111 segundos venceu galhardamente as seus comptidores. *Scylla* em 2º, *Salvatus* em 3º e *Coupon* em 4º. *Diomeis* não correu.

No 8º pareo (1450 metros) *Condor* em 110 segundos sahiu com grande surpresa vencedor, visto todas vezes desgarrar, mas desta não o fez. *Chapeco* em 2º e completamente esgotado. *Adila*, na bagagem. *Famalicao* não correu por ter sido protestado como parceheiro nacional.

Amanhã realisa mais uma corrida a distincta sociedade *Hyppodromo Guanabara*, apresentando-nos um programma importante. Estão inscriptos em todos os pareos parceiros de força.

Eis os nosaos palpites:  
1º pareo *Pastor*; 2º *Cantagallo*; 3º *Nicoafy*; 4º *Pancy*; 5º *Scylla*; 6º *Madama*; 7º *Argentino*.

L. M. BASTOS

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

A empresa d'este theatro levou á scena no dia 23 do mez findo o espectacularo drama de Victor Sejour — *O Filho da Noite*.

O merito dramatico d'esta peça cifra-se em uma intriga complicadissima, em situações commoventes, em abordegas, em combates, etc.

E' o genero que mais explorado está entre nós e que sempre offerece ás empresas theatracas largas e abundantes receitas.

O desempenho, por parte de todas os artistas, correu regularmente, sendo de justiça destacarmos, pela bella interpretação que deram aos seus papeis, os principaes da peça, as actrizes Ismenia dos Santos e Helena Cavalier, e os actores Eugenio do Magalhães, e Maia que creou um typo verdadeiramente original.

*O Filho da Noite* está posto em scena com luxo e com magnificas scenographias; vê-se que a empresa não poupa sacrificio e dinheiro, principalmente dinheiro.

O grande numero de espectadores que encheu a sala do *Recreio* applaudeo com enthusiasmo todos os actos, chamando á scena, no final, não só o fatigavel e distincto actor Dias Braga, como os seus companheira de trabalho.

No dia 10 do corrente fará beneficio no theatro Sant'Anna a atriz Cinira Polonio.

Deve-se ter representado hontem, no D. Pedro 2º, *O Carioco*, revista dos acontecimentos do anno findo, escripta pelos Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

P. TALMA

A ESCOLHA DA MORTE

Um sorriso nos labios cor de rosa Da bella filha, da querida filha. Emquanto a pae da estrada tortuosa Da triste vida a custo segue a triba.

Pranto nos olhos tremolos, doentes, Do pae cançado de contar os dias; E são da filha os olhos refulgentes D'uma vida melhor melhores guias.

— Isto foi numa doce primavera; Mas na outra primavera a meiza, a linda, A idolatrada filha filiceira... E o pae sobreviveu e vive ainda:

ARTHUR MENDES

## TRATOS Á BOLA

Eis as decifrações dos Tratos ultimos: Log. — Saltimbanco; ant. — Parede; em tercia. — Som, Oca, Mal; das modernas, — velha, guarda sol, velhaca, patriolada, velhacaria, que foram mandadas pelos Srs. Pépe, D. Jason, K. van, Linn Junior, Tico-Tico, Maravilha, Carapetao e Lima, ganhando os premios os Srs. Pépe e D. Janson que foram os decifradores exactos.

Para hoje damos os seguintes tratos:

### ANTIOA

Se eu for á loja comprar Roupa pra no corpo pôr, Dentre toda n que encontrar Hei de escolher a que tiver melhor — 1 — Eu fui já medida antiga, Porem demitida fui. — 3 — Sou visto junto á cidade (Mas não cidade de Tui).

O. Brandão.

### MODERNAS

#### I

2-3—Não para mulher nesta cidade.

#### II

1-2—Verho de chifre que se arrasta.

### TELEGRAPHICAS

1-1—1—Polvora no jogo.  
1-1—Sapo voa.

M. M.

### NOVISSIMA

3-1—Arna que mata na China,  
E homem na esgrima valente.

1-2 Preposição cá da esquina  
Cousa que domina a gente.

Alexandrina Bellora.

E agora, carissimos irmãos, deitando-vos a minha costumeira benção, desejo-vos que este 1887 que acaba de nascer mais que o seu pae o fallecido 1886, farte as nossas algeibeiras com aquillo com que se compram os melões, vos dê muitíssima saúde e felicidades aos milhares.  
Amei!... digam os anjos na celestial morada.

FREI ANTONIO.

## FACTOS E NOTICIAS

No dia 24 de Dezembro encerraram-se as aulas da « Escola P. Neutralidade », do Dr. João Kopke. E' um dos melhores estabelecimentos de educação que possuímos.

Sob a presidencia do Dr. Henorio da Silva, teve lugar no domingo ultimo, a 2ª sessão da Associação organizada por varios professores com o fim de se aperfeiçoarem no magisterio. O Sr. Dr. João Kopke leu o programma de estudos e o Sr. Cyridião Buarque apresentou as hazes d'esta instituição que será dividida em tres corpos: a assemblea dos alumnos membros, a congregação dos professores, e o conselho fiscal e protector, que será composto de directores de casas de educação e pessoas influentes no ensino.

O fim d'esta associação é utilissimo. Damos parabens aos seus distinctos iniciadores.

A Sociedade Propagadora da Instrucção ás Classes Operarias da Freguezia da Lagoa, effectou a 30 do mez findo uma sessão solemne em a qual teve lugar a distribuição de premios aos

alumnos que mais se distinguiram no estudo durante o anno de 1886. Foi uma festa brilhante.

O Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, habil professor de piano, realisarã em 7 do corrente, o terceiro concerto em que tomam parte todos os seus discipulos.

Os Srs. Ribeiro de Carvalho & C. proprietarios da Fabrica de Flores da rua do Passeio, solemnizam na proxima quarta-feira o 7º anniversario da fundação d'aquelle importante estabelecimento.

Nesse dia serão realizados os casamentos de duas das meninas orphãs ali empregadas, os quaes terão lugar na igreja da Gloria—um ás 3 e outro ás 5 horas da tarde.

A' noite reunirã os distinctos industriaes numerosas familias d'esta Corte, que desejam visitar a fabrica, terminando a festa com um baile para o que se fazem grandes preparativos.

Esteve muito concorrido e animado o baile que a *Societè Française de Gymnastique* deu hontem em seus salões.

A' sua directoria, prodiga de amabilidades para comnosco, agradecemos a gentileza do convite que nos enviou.

Assistimos hontem á inauguração da segunda exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia de Bellas Artes. D'ella tractará o nosso collaborador *Alfredo Falheta*.

O amavel proprietario da *Chapellaria Inglesa* apresentou-nos com duas escovas finas para chapéus de pello. Sempre que alisarmos as nossos cartolas lembrar-nos-emos da *Chapellaria Inglesa*.

### FOLHINHAS E ALMANACKS

Temos o *Almanack das Horas Romanticas*, publicação annual da casa editora de David Corazzi, de Lisboa. Traz o retrato do seu fallecido redactor Guilherme Gorjão e é ornado com varios chromos de costumes portuguezes. A parte litteraria é interessante e variada.

Os Srs. Gaspar da Silva & Oliveira Pimentel, estabelecidos á rua 1º de Março 57, offereceram-nos algumas elegantes ventarollas *Marca Cometa*. Cbe-garam muito a proposito. Foi uma distribuição geral cá por casa. Cá nos estamos abanando. Obrigadissimos.

Os conhecidos papeleiros, Srs. Guimarães & Ferdinando mimosearam-nos com seis bellissimas folhinhas, dignas de figurar em artistico e elegante *boudoir* e de ser esfolhadas dia a dia por uns dedos de neve e rosa, dedos capazes de inspirar sonetos banvillianos. Decididamente aquellos rapazes são de um gosto pitoresco e exquisiteso.

Dos Srs. C. Bazin & C. tambem recebemos uma enorme folhinha de desfolhar.

Os Srs. Gonçalves Mendes & C.—firma que substituiu a de Fernandes da Silva & Mendes,—enviaram-nos uma folhinha tão *chic*, tão mimosa, tão original, que a depositámos nas delicadas mãos de uma graciosa e formosissima leitora d'*A Semana*, que, embrulhando-a em papel de seda, levou-a para pendural-a em frente do seu leito, entre os seus quadros e *bibelots*.

Será para ella o seu primeiro olhar todas as manhãs!

Ditosa folhinha!

### NECROLOGIA

Falleceu em Lisboa, victima de uma tyaica de larynge, n estimado e conhecido escriptor Leite Bastos, auctor d'*Os Crimes dos Braganças* trabalho que muito agradou e que foi publicado no *Seculo*.

O finado exerceu por alguns annos

um dos logares de redactor do *Diario de Noticias* e escreveu *O incendiario da Patriarchal* e a *Pena de Morte*, que, com applausos, subiram á scena no *Principe Real*.

No sahado passado falleceu o Sr. Arlindo Carneiro de Sampaio e Silva, antigo e estimado despachante da *Alfandega*.

O finado era pobre e deixou numerosa familia, legando á mesma um nome honrado.

Em 26 do mez passado falleceu o Sr. Dr. Jeronymo Bandeira de Mello, chefe da secção de estatistica da secretaria do Imperio. Alem d'este cargo, que desempenhou com muito talento, era o finado secretario do conselho superior de saude.

Falleceram no dia 30:

A's 4 horas da manhan o conhecido negociante e industrial Frederico Glette, fundador da Fabrica de tecidos do Rink e de outros estabelecimentos industriaes

No Rio Grande o Sr. desembargador Miguel Calmon du Pin e Almeida, presidente d'aquella provincia. O desembargador Miguel Calmon foi ha oito annos chefe de policia da Corte, e depois juiz do Commercio da 1ª vara.

## CORREIO

Sr. Simão Campello. — Nunca vi nome nem sobre nome mais adequado que os seus! Porque, realmente, desde que o Sr. é Simão, não podia ser senão Campello (leia-se *com-pello* para melhor comprehensão.) Carradas de razão tinha o Felletan quando dizia. *Le Monde marche...*

Quem quizer que se admire das maravilhas da electricidade, das pacholices do phonographo e dos feitos de outras que taes carangueijolas embasbacantes; que, enquanto a nim, o que me causa verdadeiro pasmo é ver um simão poeta, não obstante a gente esbarrar a cada passo com um poeta simão. Intitula-se o seu soneto: *Macaquice...* ora pinhões! li como as minbas ventas! *Meiguice* é o que eu queria dizer. Eis como começa:

« Autes que nos empolgue um dia a parca  
furiunda... »

Que perigo! a parca furi... nada. Amigo Simão, fiquemos por aqui, sim?

Sr. Luiz Selassu. — A sua poesia se não fosse tão estrada... seria curta, e se fosse curta iria para a sala de espera. Mas assim... Intitula-se *Dous Anéis* e começa por este modo:

« Dous anéis do cabelo da donzella »  
Depois diz o senhor na penultima estrophe:

« Nunca mais eu sorrira nesta terra, »

referindo-se á hypothese lamentavel de perder os referidos anéis do cabelo da casta virgem do seu derricho. Se tal cousa acontecer (por causa das duvidas, não deixe de dizer, benzendo-se: — agouro vá longe!) o senhbr tem de ver-se em papos d'aranbas para cumprir o protesto de não sorrir mais nesta terra, isto é: na terra em que reside, que eu não sei se é Pedra da Mulata. Passatres ou São José da Boa Morte (salvo seja!)

Sr. P. da M. Machado — Diamantina. A leitura de sua carta convenceu-nos de que algum abusou do seu nome para, sob elle, injuriar-nos. Podiamos nós adivinhar isso? Folgamos de ver que não merece V. S. de modo nenhum as duras palavras que, por meu intermedio, lhe dirigiu *A Semana* como represalia de grosseiros insultos. Que o infame que tão cobardemente abusou de nossa boa fé e do seu nome se desvanega com a gloria de tão bella açção.

Sr. C. B. — Cantagallo — A sua poesia *Captivo* resgata alguns sendes com qualidades aproveitaveis. Pode ser publicada; não o fazemos, porém, sem que nos revele os nomes indicados por aquellaa iniciaes, revelação de que somente faremos uso se no-lo permittir.

Sr. Ricardo Azamor — Na carta que vem servindo de *avant coureur* á sua poesia — *Trez quedas*, quero dizer: *Trez quadras* começa o Sr. dizendo:

« Não tem V. S. basolutamente neste momento o direito de surprehender-se com a leitura desta carta assim como com a assignntura desconhecida que a firma... » Ora, meu amigo, era desnecessario isto. Surprehender-me, eul... Que ingenuidade! Isto de surprezas não é mais para mim, acredite. Ah!... é que S. S. não sabe da missa nem metade! Ignora que antes de vir tomar conta desta secção fiz testamento, e ungi-me e sacramentei-me em seguida, vindo logo preparado para o que desse e viesse! E' só por um milagre que eu tenho escapado ás arremetidas do *Contra-senso*!

Emfim, meu rico Sr. Ricardo, a sua poesia não é de todo detestavel. Posso mesmo dizer que é possivel. Agora se quizer esperar ahi uns dois annos... tres... talvez quatro; emfim, um lustro, quando muito... mande-nos dizer.

Sr. Sylvio Elysiu. — Que nome euphonico! Euphonico e poetico! Poetico e doce!... Doce, poetico e euphonico como o suspirar da brisa nas balsemas em flor (Bonito, hein?). Nome poetico e escriptor prosaico. Contradição das contradicções. E' assim o mundol Prosaico, sim senhor. Pois se o homem escreve prosa! O seu conto... Nem mesmo na sala de espera podemoso consentil-o, porque poderia, com o seu immanhe, tomar todo o logar dos que lá estão e dos que por certo inda não de ebegar.

Sr. L. Saül. — O seu soneto *Paysagem* é bonito e, honra lhe seja, não tem um só verso errado. Não o publicamos, porém, porque nelle, infelizmente, deparamos com alguns descuidos de forma.

Mande-nos, para outra vez, se quizer, coisa mais cuidadosamente feita, que é bem possivel que o possamos inserir.

Sr. B. Sergio d'Andrade. — Mercês do Pombal. Aqui temos sobre a mesa a sua poesia, ou, direi melhor: o seu recitativo intitulado: *O Trabalho*. Ora! o que é que o Sr. nos havia de mandar? um recitativo! Tenha paciencia, mas não podemos publical-o, não obstante vir offerecido a um redactor d'esta folha, que, muito penhorado, lhe agradece a fineza. O Sr. daria no vinte se, em vez de mandal-o para *A Semana*, o mandasse ahi a qualquer meiga donzella pudorosa, de olheiras violaceas, o poeticamente martyrisada por uma tossezinha secca, proveniente de perder as noites a contemplar, ao relento, o disco luminoso da lua merencoria.

Sr. C. V. — Embora reconheça que o Sr. tem mais graça do que 4 palhaços... .. mortos, vejo-me forçado, pela sua *chocarrice...* *violenta* a dar um pulo por cima da sua Camponeza (soneto) *Vesantica*, como por sobre um Cogumello Venenoso, a fim de ir analysar a mercadoria de outro freguez que me está a bater á porta.

Sr. A. A. — O seu... como o *havemos* nós de chamar? Conto, não é possivel! As suas — *Reminiscencias*, (chaniemol-o pelo titulo, o seu artigo) não é mausinho, mas não foi escripto com estylo. Nessas ligeiras produções, é necessario que o escriptor, para que ellas agradem, entorne muito colorido, que sejam feitas com certa gnrridade e entretedidas das mais fulgurantes imagens; des de que d'ellas não resalta uma idéa, desde que não visam senão o fim de deleitar os ouvidos por alguns instantes. Fosse um pouco mais bazarro, o seu artigo, e um pouco menos extenso, que o veria figurar nas columnas d'esta folha.

ENRICO.

## CORREIO DA GERENCIA

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 20, 56 57, 63 e 101 d'*A Semana*, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

## SECÇÃO DE HONRA

Como prova do reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'a *Semana*, e que se acham quites para com esta empresa, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 59, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem addicionada os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vissem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro corrente.

## BARRA DE ITAPEMFRIM

D. Maria Amalia de Borja Pacca.

## ANTONINA

Mathias Bohm.

## S. FIDELIS.

Miguel Pinto Braga.

## SANTA RITA DO SAPUCAHY

Joaquim Carneiro de Paiva.

## MOGY-MIRIM

Dr. Alexandre Coelho.

## RIO CLARO.

Claudio de Andrade &amp; C.

## SACRA FAMILIA DO TINGUÁ.

José Eulalio de Andrade.

## S. GERALDO

Francisco Ribeiro.

Abilio Mesquita.

## TABOLEIRO GRANDE

José Antonio da Silva.

## ESTAÇÃO DA SERRARIA

João Gonçalves Paim Junior.

## LISBOA

Santos Bemvindo.

## ALAGOAS

Dr. F. J. da Silva Porto.

## S. JOSÉ DE UBÁ.

José Ferreira Ramos.

SANTO ANTONIO DOS TEIXEIRAS

Dr. Eduardo de Carvalho.

## IGUASSU.

Dr. João Antonio de Barros Junior.

## MANÁUS

Dr. Antonio Porto Filho.

## SANTA MARIA MAGDALENA.

Amalio Alves Marinho.

## CAMPVARA

Antonio Maria Fragozo.

## ITAJUBÁ

Dr. Liduardo R. Souza.

## CORTE.

Dr. Candido Barata Ribeiro.

J. L. Vaz.

Leocadio Joaquim Cordeiro.

J. da Silva Lopes.

Fernando Sampaio.

## RECEBEMOS

— Da casa David Corazzi: Os *Invenções de Leda*, fasc. no 7 e *Historia de Gil Braz de Sant'Anna*, fasc. n. 33, e o n. 138 da *Biblioteca do Povo e das Escolas: Manual do typographo*, por Joaquim dos Anjos, compositor.

— *Salon de la Mode* 11<sup>o</sup> anno, n. 48 de 18 e 25 do passado, publicados pela importante casa *Le Petit journal*, dos Srs. Henry Nicoud & C.

— Discursos do Dr. José Luiz de Almeida Nogueira, pronunciados na Camara dos deputados nas sessões de 6, 10 e 31 de Agosto. 3 folhetos in 16.

— Relatório da Associação protectora da infancia desamparada, apresentado em sessão da assembleia geral a 24 de Fevereiro pela sua directoria.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Notto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 3f, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1<sup>o</sup> de Março n. 23.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das criancas.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 9f.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cozar Tavares Pais encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoço e optima cosinha. Esplendido torraço com caramanchões.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRECIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25  
RIO DE JANEIRO

## ESCOLA P. NEUTRALIDADE

INSTITUTO—H. KÖPKE

## 10 RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA 10

Este estabelecimento de educação dará as férias do corrente anno lectivo de 24 do corrente a 6 de Janeiro.

A matricula para o anno lectivo que, nessa época, se inicia, poderá ser feita até 15 do mez proximo, não sendo a ella, posteriormente, admittido alumno algum. Aos matriculados dentro do prazo será, porém, permittido apresentarem-se á frequencia das aulas mais tarde se, por justo impedimento, não o puderem fazer, assim que começarem as mesmas.

A escola só admittio EXTERNOS, porque, reputando complementares as funcções de pais e educadores, não pôde prescindir da parte que immediatamente cabe á familia, e não aceita, sem ella, a responsabilidade da educação. E porque não entende de outro modo praticavel, com proveito para a sociedade, a missão do magisterio, auxilia-se da familia na tarefa da direcção, constituindo um conselho, escolhido annualmente d'entre os pais de seus alumnos—with attribuições fiscaes e consultivas, que ouvirá quando entender necessario, e que, por algum de seus membros ou pessoa de confiança dos mesmos, acompanhará a marcha das classes, o ensino dos professores e a applicação dos methodos, determinando sempre que julgue opportuno, exames parciais ou geraes em épocas incertas, conhecendo das reclamações e queixas dos pais, e resolvendo nos casos de disciplina que demandem a pena da eliminacão. No correr do anno lectivo vindouro comporão esse conselho os Exms. Srs.

Conselheiro Ruy Barboza.

Dr. José Maria Leitão da Cunha,

Conrado Jacob de Niemeyer.

Dr. Pedro Dias Carneiro.

Mensalmente, o medico do estabelecimento, Dr. Barata Ribeiro, procederá a exame no edificio, indicando as medidas a adoptar para corrigir inconvenientes que por ventura encontrar, examinando igualmente os alumnos para verificar a presença de quaesquer defeitos physicos ou enfermidades a que convenha, no estabelecimento ou na familia, attendendo, d'essa visita será lavrada uma acta, de que será remetida cópia áquelles a quem interessarem as observações feitas.

O ensino é dado tendo em vista a cultura geral que encaminha para todas as especialisações academicas ou de actividade pratica, sem o esforço de PREPARAR, nem empenho em illudir,—seria, leal e solidamente.

Os interessados poderão, nos livros do estabelecimento, pela determinação das materias e distribuição dos exercicios correlatos, avaliar do espirito que o anima. Verificando pela assistencia ás aulas e exames escolares, sobre ser de seu interesse, é dever que lhes impõe a paternidade e exige n boa harmonia das suas relações com o educador. Um ponto releva, todavia, destacar; porque o ensino acompanha o desenvolvimento do alumno, NÃO HA ABSOLUTAMENTE A PREOCUPAÇÃO DE ENSINAR DEPRESSA.

A experiencia do director que, com applauso da opinião geral, exerceu em S. Paulo, desde 1872, o magisterio official e particular, é a garantia que pôde offerecer quanto ao desempenho das suas melindrosas attribuições, já em relação ao ensino, já em relação á disciplina.

Para commodidade dos alumnos, fornecerá a escola, em condições vantajosas, do centro da cidade ao estabelecimento, passagens de ida e volta, a todos aquelles, cujo accesso á linha de bonds do Jardim Botânico seja facil; e os fará acompanhar por um professor.

Informam os Srs.: Conselheiro Ruy Barbosa, Dr. J. M. Leitão da Cunha, Conrado Jacob de Niemeyer, Dr. P. Dias Carneiro, Dr. José Americo dos Santos, Rodolpho E. de Abren, Dr. Barata Ribeiro, Quintino Bocayuva e José Neves Pinto.

Condições:—No estabelecimento, das 12 horas em diante.

Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1886

JOÃO KÖPKE,



# MARCA COMETA

## VINHOS E COGNACS

### PUROS DE UVA

Escolhidos e acondicionados com a maior solicitude e a mais rigorosa fiscalização

MARCA REGISTRADA E GARANTIDA PELAS LEIS DO BRAZIL E DA FRANÇA

Bordeaux tintos		Bourgogne tintos	
S. Emilion.	2 annos	Chambertin	5 annos
S. Julien.	2 »	Pommard.	6 »
Chateau Margaux	2 »	Nuits	8 »
Chateau Lafite	4 »	Corton.	10 »
Pontet Canet.	5 »	Clos-Vougeot	12 »
Chateau Léoville	6 »	Richebourg	15 »
Grand Mouton (reserve)	9 »		
Chateau Rauzan.	10 »		
Branços		Branços	
Sauternes.	4 annos	Chablis.	6 annos
Haut Sauternes.	6 »	Montrachet	10 »
Chateau Yquem.	10 »		

Todos estes vinhos são expeditos em garrafas e meias garrafas revestidas de uma rede de arame, sellada no fundo, afim de impedir a violação da rolha.

### CHAMPAGNE IMPERIAL (extra-fm)

Sec, Demi Sec et Doux

As garrafas d'estes vinhos são prateadas a fosco, para evitar a acção da luz

### COGNACS

Imperial (extra-fm)	20 annos
Fine Champagne.	10 »
Creme de Cognac.	10 »

UNICOS DEPOSITARIOS E RESPONSAVEIS

GASPAR DA SILVA & OLIVEIRA PIMENTEL

**57 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 57**

Encontram-se á venda nas casas de molhados, confeitarias, hotéis e cafés principaes.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annunci.

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de snède, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

RIO DE JANEIRO

## MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetas, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a  
172 RUA DO HOSPICIO 172

David José de Oliveira

## GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sabirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

58000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

## ESTERNATO JOÃO DE DEUS

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

HORARIO

CURSO PRIMARIO

Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elemental, cosmographia, desenho linear e elementos de sciencias naturaes. . . . . 9-3

CURSO SECUNDARIO

Portuguez . . . . . 12-1  
 Francez . . . . . 12-1  
 Inglez . . . . . 12-1  
 Latim . . . . . 9-10  
 Italiano . . . . . 9-10  
 Allemão . . . . . 11-12  
 Geographia . . . . . 1-2  
 Historia . . . . . 2-3  
 Arithmetica . . . . . 10-11  
 Algebra . . . . . 2-3  
 Geometria . . . . . 11-12  
 Rhetorica . . . . . 1-2  
 Philosophia . . . . . 1-2  
 Trigonometria . . . . . 3-4  
 Curso annexo . . . . . 2-3  
 Sciencias naturaes . . . . . 3-4

As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,

Alfredo Coutinho

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recobem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 38, sobrado.